

RATINGS – O QUE SÃO E PRA QUE SERVEM

Por Ricardo Ravagnani – advogado, desde 2009 Superintendente da ABCPCC e desde 2010 handicapper oficial do Brasil perante a OSAF e o WTR.

Os *ratings* basicamente são valores em libras (uma libra é igual a 0,45 kg) que representa qual seria o peso do jóquei em cima daquele cavalo se ele estivesse anotado numa prova de handicap, em que todos, em tese, devem ter chances idênticas. Assim, quanto maior o *rating*, maior o peso sobre o cavalo. E por consequência, quanto maior o *rating*, melhor é o cavalo. Esse peso atribuído aos cavalos acabou por se tornar uma classificação, que origina o ranking mundial (WTR) e que também serve para avaliar a qualidade das provas clássicas no âmbito da Federação Internacional de Autoridades Hípicas.

Em resumo, *rating* é a medida da qualidade de um cavalo de corrida.

A introdução da OSAF no ranking mundial obrigou que os países dessa região estruturassem um comitê de handicappers. Por trás dessa obrigação, vinha o desejo da Federação Internacional de ver as provas *Black-type* da OSAF devidamente avaliadas, seguindo os parâmetros adotados por todos os demais países do Livro I. Ou seja, análise da média dos *ratings* dos quatro primeiros colocados dos últimos três anos de cada prova.

Para se ter uma ideia, em 2002 foi criado o IRPAC (International Grading and Race Planning Advisory Committee), que controla a qualidade das provas de grupo mundo afora. Ainda antes, em 1981, foi criado o International Cataloguing Standards Committee, que padronizava os catálogos de leilão, atribuindo negritos e caixa alta de acordo com as classificações aprovadas pela Federação Internacional. Em 1985 os países da América do Sul foram inseridos no Livro I do ICSC, passando, então, a uma prova de G1 no Brasil ter o mesmo “peso” que uma prova de G1 corrida em qualquer outro país também do Livro I. Em 1992 houve uma revisão geral dessas provas e, por exemplo, o Uruguai foi demovido para o Livro II. Nesse momento, todas as provas de grupo daquele país, mesmo o GP Jose Pedro Ramirez, para fins de publicação em catálogos aprovados pela SITA (Sociedade Internacional dos Leiloeiros de PSI), passaram a ser meramente *Listed Races*.

O que ocorreu é que os países da OSAF não estabeleceram desde então um comitê que pudesse se manter avaliando a qualidade de suas provas de grupo, assim como faziam os países da Europa, Ásia e os EUA. Tampouco foi estruturado um comitê de handicappers.

A quantidade de provas de grupo por corridas totais num país é avaliada anualmente. Por exemplo, em 2014, o Brasil teve 4,6% de suas provas como sendo *Black-type* (grupo e *listed*). Esse número é idêntico ao Reino Unido, e maior, inclusive, às taxas de Estados Unidos (3,5%), Japão (1,4%) e Austrália (3,1%). Quando se examina apenas as provas de grupo, o Brasil em 2014 teve 2,8%, taxa que só fica atrás dos Emirados Árabes (12,9%), Irlanda (5,9%), Alemanha (3,3%), África do Sul (3,3%) e Nova Zelândia (2,9%). Quanto menor o número de corridas disputadas no país, maior o percentual de provas de grupo, já que não havia qualquer revisão nesse sentido.

Essa análise permitiu que a Federação Internacional pressionasse a OSAF a criar seus próprios mecanismos de controle, obrigando-nos a criar o comitê de handicappers, passando a atribuir ratings a todas as provas clássicas da região e, posteriormente, controlar a qualidade dessas provas, submetendo à apreciação do IRPAC medidas como a redução da graduação e/ou o aumento de graduação, dependendo do nível técnico (medido em *ratings*) dessas provas.

Tudo isso sob pena de – em não sendo feita essa avaliação pela própria OSAF – a Federação “cortar” - de maneira unilateral - o número de provas de grupo dos países da região.

Em 2010 foi então realizado o I Encontro de Handicappers da OSAF, com a presença do consultor da Federação Internacional, Ciaran Kennely. Partiu-se do zero, com a explicação de como se constroem os *ratings* e a constituição do Comitê da OSAF. A partir daí foram realizados dezesseis encontros – normalmente três ao ano – em que os handicappers de cada país expõem aos demais handicappers os cavalos com ratings superiores a 105, votando-se qual o *rating* do cavalo (um voto por país, cinco votos no total na OSAF). Todos os cavalos do mundo com *rating* igual ou superior a 115 devem ser referendados na reunião anual de Hong Kong, e são esses que compõem o Ranking Mundial (WTR). No painel de Hong Kong também há votação e a maioria decide.

Em 2013 foi realizada a primeira reunião do Comitê de Provas de Grupo da OSAF, em que as médias dos *ratings* dos últimos 3 anos de cada prova de grupo foram analisadas, propondo-se reduções, num primeiro momento (a Argentina nessa primeira reunião rebaixou 4 provas de G1 para G2, por exemplo, valendo a partir de 2014).

No tocante ao nível das provas, os países da OSAF receberam uma tolerância de 5 libras com relação aos demais países do mundo. Uma prova de G1 na Europa ou na Ásia ou mesmo nos EUA, aberta a 3 e mais anos, para produtos, deve ter média dos 4 primeiros colocados de 115 lb. Aqui a média deve ser 110. Para que essa prova se mantenha como G1, é necessário que avaliadas as três últimas edições a média total seja de 110 (na OSAF). Os *ratings* que valem nessa avaliação são os *ratings* dos cavalos ao final da temporada.

Como é construído o *rating* de uma prova. Exemplificando com o GP Bento Gonçalves do ano passado:

É necessário entender que há uma tabela internacional de handicapping, em que, basicamente, temos que 1 corpo de diferença numa prova em 1600 metros equivale a 2 lbs (ou 1 kg); esse mesmo 1 corpo numa carreira em 1000 metros equivale a 3 lbs e em 2400 a 1,5 libras. Assim, numa prova normal, na milha, se um cavalo ganha de um outro por 2 corpos, sua pontuação (*rating*) será 4 libras maior que o segundo, e assim por diante.

Whoopee Maker tinha um *rating* de 103 advindo de sua segunda colocação na Copa ABCPCC Regional G3. Save the Tiger tinha um 104 que veio do Protetora do Turfe. Beautiful Point um 110 de sua vitória no Professor Nova Monteiro; Uareademon um 105 naquela temporada (tinha 113 da temporada anterior quando venceu a Polla uruguaia) e Beduíno do Brasil tinha 108 por sua vitória no Protetora do Turfe.

Para construir o *rating* (que depois precisa de aprovação dos outros países, logo deve ter uma lógica defensável), parte-se da pesquisa para entender qual cavalo correu no seu nível

anterior, quem confirmou seu *rating*. Se se entendesse que o potro tordilho correu no mesmo nível que na Copa ABCPCC, partiríamos do 103 dele e calcularíamos, com base na tabela, os *ratings* daqueles que chegaram atrás. No caso, construiu-se admitindo que o Beautiful Point correu quase no seu nível (109 ao invés de 110) e, partindo dele, chegou-se a 111 para Whoopee Maker, 110 para Save the Tiger, 96 para Uareademon e 94 para Beduíno do Brasil (ambos chegaram muito longe).

Como é feita a avaliação dessa prova? Ao final da temporada, chega-se ao maior *rating* de cada cavalo (Whoopee Maker recebeu os mesmos 111 no Uruguai, Save the Tiger teve o 110 do Bento como seu máximo, Beautiful Point tinha um 110 e Uareademon com seu 105). A média, portanto, foi de 109, inferior à tolerância exigida, ao nível de G1, que é 110. Bastaria, por exemplo, que Uareademon tivesse corrido alguma outra vez e tivesse um *rating* de 109 para que fosse alcançada a média. Ou que Whoopee Maker tivesse vencido o Ramirez e aumentado o seu *rating* para 115, por exemplo (Hielo, o ganhador, teve aprovado 116 no âmbito da OSAF, pendente de confirmação em Hong Kong no final do ano).

Os *ratings*, portanto, são dinâmicos. Uma avaliação hoje pode ser diferente do que se faz numa outra oportunidade. É possível rever os *ratings* em todo momento, com base nas atuações posteriores.

Na página da ABCPCC na internet está publicada a relação de todos os *ratings* da temporada 2014/2015 (os quatro primeiros colocados de cada prova Black-type do país), bem como os *ratings* da temporada atual, ainda em fase de apuração e sem a chancela do Comitê de Handicappers da OSAF.